



**Itamar Moreira Cordeiro divide o amor pelo futebol com os filhos, Ítalo, Heitor e Murilo**

do em alguns dos maiores clubes do mundo, como Vini Jr., Raphinha, Marquinhos e Gabriel Magalhães. Além disso, vejo uma nova safra de talentos surgindo, como Endrick e Rayan, o que aumenta as opções e esperanças de boas atuações do nosso time.”

## Duas versões da mesma espera

Na família Cordeiro, o futebol é uma paixão que une gerações, mas não necessariamente as une na mesma perspectiva. Ítalo Rodrigues Cordeiro tem 19 anos e acompanhou sua primeira Copa de verdade em 2014, justamente a edição realizada no Brasil. A expectativa era enorme. O resultado, devastador. “Todo ano de Copa, sempre tenho muita esperança, mas ainda com a dúvida se o Brasil é capaz de vencer.”

Apesar de carregar cicatrizes causadas pelos 24 anos de derrotas, Ítalo mantém o otimismo. Seu nome da esperança é Rayan, o jovem atacante que, na visão do estudante, pode ser o protagonista desta edição mesmo sem ser titular absoluto. “Acredito que ele até não seja titular absoluto, mas acredito que ele pode ser o cara do hexa.”

Questionado sobre o que significaria ver o Brasil campeão pela primeira vez, a resposta é direta e sem rodeios: “Um marco histórico.”

Já seu pai, o empresário Itamar Moreira Cordeiro, 49 anos, tem uma visão mais crítica, e não esconde a amar-

gura de quem viveu os anos de ouro do futebol brasileiro e nunca mais encontrou o mesmo nível.

Pai de três filhos apaixonados por futebol, Ítalo, 19 anos, Murilo, 16, e Heitor, 11, Itamar lembra com nostalgia dos jogadores que fizeram sua geração vibrar. “Romário, Bebeto, Fenômeno, Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho são os jogadores que mais representaram a Seleção na minha época. Tem o Denilson, que era tipo o 12º jogador da Copa de 2002”, lembra.

Os momentos que ficaram gravados na memória também são muito específicos: “O gol do Bebeto que ele comemora como se estivesse balançando seu filho; o pênalti para fora do Roberto Baggio na Copa de 94; o gol do Gaúcho de falta contra a Inglaterra; o batalhão de turcos correndo atrás do Denilson na semifinal; e o gol do Fenômeno depois da batida de roupa do Oliver Kahn.”

Sobre o que mudou desde então, a avaliação é dura. “Futebol deixou de ser paixão e começou a virar negócio”, diz. Ao analisar os 24 anos de espera pelo hexa, não esconde a frustração. “Horrível. Para quem viveu futebol de 1994 a 2006, nunca vai se contentar com o que a seleção apresenta hoje.”

Sobre as chances desta Copa, ele é categórico. “Se o jejum acabar, será um milagre”, afirma. Ainda assim, reconhece que um eventual título teria impacto importante, especialmente para os mais jovens. “Acho que até essa geração mais nova duvida desse título. Mas se caso acontecer, pode dar uma renovada na fé dessa moçada”, acrescenta.

## Por que o BRASIL continua acreditando?

Para o vice-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Gustavo Henrique, a paixão da torcida brasileira permanece forte mesmo entre aqueles que nunca viram a Seleção campeã, e os dados confirmam essa percepção. “Existe uma geração que conhece os títulos mundiais apenas por vídeos, histórias e relatos dos pais e avós. Isso muda a forma de se relacionar com a Seleção, porque a referência deles não é a conquista, mas as histórias que ouvem e as expectativas criadas a partir disso.”

Segundo ele, isso não diminui o vínculo com a equipe nacional, pelo contrário. “Os jovens são fascinados pelo futebol brasileiro, ao contrário do que muita gente pensa, e são a parcela da população mais esperançosa com a Seleção.”

Ele cita uma pesquisa encomendada pela entidade, segundo a qual 74% dos torcedores com até 24 anos avaliam positivamente a equipe. Esse número, para o dirigente, reflete a força de um sentimento que não depende apenas dos resultados.

Na avaliação de Gustavo Henrique, a confiança no hexa está relacionada a uma combinação entre talento individual e maturidade coletiva. “O Brasil continua revelando jogadores de altíssimo nível, que atuam nos maiores clubes do mundo, mas hoje existe também uma equipe mais equilibrada, com atletas acostumados a grandes decisões. Em Copas do Mundo, o aspecto emocional e a capacidade de competir em momentos decisivos fazem muita diferença”, diz.

O vice-presidente também destaca o papel de Carlo Ancelotti à frente da equipe como um diferencial desta edição. “Temos conosco um dos maiores técnicos da história do futebol”, opina. E vai além, falando sobre o que uma conquista representaria para o país. “O hexa é um sonho que acompanha milhões de brasileiros há mais de 20 anos. Uma conquista desse tamanho teria um impacto emocional enorme, porque encerraria um longo período de espera e reafirmaria a tradição do Brasil como uma das maiores potências do futebol mundial.”

Mais do que uma competição esportiva, a Copa do Mundo é um fenômeno cultural. Ela cria lembranças compartilhadas entre diferentes gerações. Os mais velhos recordam os títulos e as noites de celebração. Os mais jovens acumulam histórias de eliminações, promessas e expectativas renovadas a cada quatro anos. E as crianças estão descobrindo agora, pela primeira vez, o que significa torcer de verdade.